Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamentode História
FLH 0421 – Ensino de História: Teoria e Pŕatica
Profª Dra. Antônia Terra Calazans Fernandes
Aluno Rovilson Sanches Portela n° USP: 7618804

SEQUÊNCIA DIDÁTICA N° 2

APRESENTAÇÃO E ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR

A sequência didática que segue foi desenvolvida por um aluno de graduação como proposta de atividade complementar às aulas de história no ensino médio. Não busca (nem seria possível) dar conta da história das mulheres, muito menos da história da arte e da literatura, mas apresenta um recorte que pretende ser representativo das transformações do espaço que as mulheres tiveram na sociedade ocidental ao longo dos séculos e das formas como elas foram (e são) representadas.

É importante destacar que na dinâmica que propomos, o aluno tem um papel ativo na realização da oficina. A aula não terá um carácter expositivo, nem um conteúdo mínimo que deverá sem ensinado, mas problemáticas que podem ser tratadas e resolvidas pelos alunos com os conhecimentos que eles já possuem. O mais importante é o processo de elaboração das análises e formulação de possíveis respostas, e não a reprodução do muito conhecimento já acumulado sobre os assuntos.

Ao pensar sobre as pinturas e sobre os textos literários, os alunos já estarão aprendendo bastante, mas ao pensar sobre eles criticamente, absorverão melhor as temáticas tratadas e se tornarão produtores do seu próprio conhecimento.

A temática escolhida, mesmo sabendo da possível polêmica entre os jovens acerca dos corpos nus, deve ser entendida como somente representação artística, como um dos temas mais recorrentes nas artes, mesmo que a imagem do corpo feminino tenha evoluido conforme a percepção dos coevos acerca do papel que a sociedade, pretendia a esses mulheres.

TEMA

O nu feminino na arte e a representação do espaço das mulheres na história

PÚBLICO-ALVO

Alunos do ensino médio

TEMPO MÍNIMO NECESSÁRIO

Uma aula de ao menos três horas

OBJETIVOS

❿ Perceber que a arte é um fenômeno historicamente determinado, representativa antes de mais nada dos anseios dos seus autores do que da realidade que representam;

❿ Fazer com que os alunos trabalhem diretamente com as fontes (pinturas e textos literários), ampliando a sua percepção das possibilidades documentais;

❿ Analisar as transformações do espaço delegado às mulheres nas mais diversas estruturas sociais ao longo da história.

METODOLOGIA

Nessa oficina, buscaremos relacionar as artes plásticas, especialmente a pintura, com excertos literários de obras clássicas do mesmo período, para que os alunos percebam como essas expressam um certo *zeitgeist*, uma percepção dos contemporâneos sobre a mulher.

Para isso, a aula terá dois momentos, o primeiro, com a turma dividida em cinco grupos (preferencialmente mesclando rapazes e moças) e num segundo momento, com a turma toda apresentando e disutindo as conclusões dos grupos.

Os cinco momentos históricos não foram escolhidos alheatoriamente, ao contrário, o critério principal foi buscar momentos que fossem representativos na arte de um certo sentimento geral em relação ao papel das mulheres. Dessa forma, podemos demonstrar com clareza aos alunos como isso se modificou ao longo do tempo e permitir que eles cheguem à conclusão de que a arte não é “eterna”, mas sim um reflexo do tempo em que se vive.

Primeira parte da aula - Dinâmica em grupos:

A ordem que propomos é a apresentação primeira das pinturas e após detida análise dos alunos, estes devem ser provocados a responder a perguntas como: Quem pintou? Quando? Onde? Qual era a intenção? Quem está representado? Qual suas impressões.

Logo em seguida, é feita a leitura coletiva dos excertos, duas ou três vezes, com citação e datação. Ainda dentro dos grupos é feito um debate entre os alunos onde o professor somente conduz, sem dar maiores informações acerca dos rumos desejados para a oficina. A intenção é que os alunos, a partir das suas próprias realidades e com seus conhecimentos prévios, analisem as obras e tirem conclusões sem uma interferência indutora externa.

Grupo 1: antiguidade clássica – o nu na busca da beleza ideal

Orientação geral para o professor: **O corpo humano é instrumento fundamental da busca universal pela beleza e pela perfeição, característica do trabalho artístico na Antiguidade em geral. O nu feminino é numeroso e mantem uma impressionante uniformidade estética que só pode ser explicada pela idealização dos corpos. Mas se corpos masculinos e femininos são igualmente representados nas artes plásticas, na literatura pode-se perceber realmente a percepção dos coevos sobre as mulheres. O excerto escolhido é representativo nesse sentido.**

Imagem do Grupo 1:

Texto para o grupo 1:

> “O mais cômodo para qualquer um é aquela que nada vale – mae é uma inutilidade, em casa, a mulher de espírito simples. Odeio a que é sábia: que não haja nunca em minha casa nenhuma que pense mais do que deve uma mulher. Na verdade, é sobretudo nas mulheres cultas que Cípris faz nascer a perversidade; a mulher simples é afastada do desvario pela sua limitada inteligência. Necessário era que, da mulher nenhuma serva se aproximasse e, com elas, apenas animais que mordem, privados de voz, coabitassem, para que a ninguém pudessem dirigir a palavra nem, daqueles, som algum recebessem.”
>
> Hipólito - Eurípedes 428 a.C.

Grupo 2: Idade Média - nu vira sinônimo de pecado

Orientação geral para o professor: **Durante a ascenção da igreja católica, e com o esforço para aplastar com o paganismo (que idolatrava o feminino) ainda bastante presente, a representação da mulher é dual: se ao mesmo tempo são numerosas as representações da maternidade como algo divino, em especial com as diversas imagens da virgem Maria, o papel relegado à Eva como responsável pelo pecado original cumpre uma função essencial na imagética medieval.**

Outro elemento que ganha força é a representação das mulheres como bruxas, e a sua consequente perseguição. A imagem escolhida, com a representação de uma Eva nua e sensual, contrastando com uma Maria beatificada, somada ao excerto escolhido do guia de identificação e eliminação das bruxas, podem ser ótimos exemplos para trabalhar essas questões.

Imagem do Grupo 2:

Texto do grupo 2:

> “É um fato que maior número de praticantes de bruxaria é encontrado no sexo feminino. Fútil é contradizê-lo: afirmamo-lo com respaldo na experiência real, no testemunho verbal de pessoas merecedoras de crédito. (…) Em função do pecado original de Eva: “..., a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente. (…) E, com efeito, assim como, em virtude da deficiência original em sua inteligência, são mais propensas a abjurarem a fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios. Pelo que não surpreende que tantas bruxas sejam desse sexo."
>
> Malleus Maleficarum (O Martelo das bruxas), 1487

Grupo 3: Romantismo brasileiro - a pureza do nu indígena

Orientação geral para o professor: Com os séculos de ocupação européia na América, com a propagação da Leyenda Negra entre os círculos esclarecidos do velho continente, e principalmente com o ideal romântico que se opunha ao racionalismo e propagava o mito das origens como parte do nacionalismo começa a surgir, na literatura e posteriormente nas artes plásticas brasileiras, uma representação idealizada do indígena, em especial das índias, com foco na sua beleza e pureza espontânea, fruto do seu contato com uma exuberante natureza. Nesse momento, o nu feminino transita entre a impureza medieval e a sensualidade posterior.

Imagem para o grupo 3:

Texto para o grupo 3:

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas."

Iracema - José de Alencar, 1884

Grupo 4: Belle epoque e a explosão da sensualidade

Orientação geral para o professor: Época de grande otimismo da burguesia ascendente tanto nas artes como na ciências, é período também de revolução dos costumes com a redescoberta do prazer e a busca pelo desmonte dos tabus acerca da sexualidade. Na pintura e na literatura esse fenômeno se dá com o surgimento da mulher sensual. Ainda que um primeiro passo para a mulher que "existe" e não é um mero signo como nos exemplos anteriores, ela ainda é uma representação idealizada, desprovida de sentimentos e expressões próprias e individuais. Além disso, o corpo feminino é tratado como uma coisa em si, um objeto para a realização do prazer.

Imagem para o grupo 4:

Texto para o grupo 4:

> "As mulheres representam o triunfo da matéria sobre o espírito; exatamente como os homens representam o triunfo do espírito sobre a moral. (…) O homem pode ser feliz com qualquer mulher, contanto que não a ame. (…) O prazer é a única coisa merecedora de que se lhe dedique uma teoria. (…) O prazer é o teste da natureza, o seu sinal de aprovação. Quando somos felizes, sempre somos bons; mas, por sermos bons, nem sempre seremos felizes.
>
> O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde, 1890

Grupo 5: Século XX – o nu como caminho para o "eu"

Orientação geral para o professor: A "explosão do indivíduo" em princípios do século XX e a desilusão com o "caminho para o progresso" decorrentes da primeira grande guerra e a da grande depressão de 1929, enterraram de vez as ilusões otimistas da belle époque e viram surgir outras formas de expressão artística. Ganham força a recém fundada psicanálise moderna e as preocupações com o impacto da vida moderna sobre os seres. Esses fenômenos impactaram profundamente o mundo artístico e pode ser percebido nas obras de Munch, que mesmo representando mulheres nuas, o centro está claramente na individualidade da representada.

Imagem para o grupo 5:

Texto para o grupo 5:

> “Sentia-se muito jovem; e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e ao mesmo tempo ficava de fora, olhando. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha no meio do mar; sempre sentira que era muito, muito perigoso viver, por um só dia que fosse.”
> Mrs Dalloway, Virgínia Woolf, 1925

Segunda parte da aula – debates e análises

Cada grupo indicará um relator que apresentará as principais percepções. Os grupos poderão se apresentar em ordem, para que os alunos percebam as transformações na constituição da imagética sobre o feminino, mas mesmo que os grupos não se apresentem nessa ordem, a resultante será a mesma, pois não há intenção de constituir uma linha do tempo que dê a impressão aos alunos de que há uma evolução entre uma situação e outra, muito pelo contrário, queremos combater esse tipo de história teleológica em que um fato sucede o outro num processo de aprimoramento, rumo ao estado atual, auge da civilização.

Na discussão que se sucederá o professor deve buscar encaminhar os alunos por dois caminhos: o primeiro, histórico, sobre o papel da mulher e como elas foram tratadas ao longo da histórica, o segundo de caráter metodológico, sobre como as obras de artes, plásticas ou literárias, cumprem um papel na construção da história e são instrumento de construção da imagem que uma sociedade quer ter de si mesmo.

BIBLIOGRAFIA

Anônimo. *Maria e Eva.* Séc. XIV. Pintura. Colorida.

Anônimo. *Pintura mural romana*. *Circa* I a.C.

MUNCH, Edvard. *Amor e Dor*.1894. Pintura. Colorida.

MEDEIROS, José Maria de. *Lindóia*. 1882. Pintura. Colorida.

MODIGLIANI, Amadeo. *A grande figura nua deitada*, 1918, Pintura. Colorida.

ALENCAR, J. *Iracema*. Porto Alegre: L & PM, 2002.

EURIPIDES. *Hipolito*. Traducao . [s.l: s.n.].

INSTITORIS, H. et al. *O martelo das feiticeiras*. Tradução. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.

WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. Porto Alegre: L & PM, 2001.

WOOLF, Virgínia. *Mrs Dolloway*. São Paulo. Autêntica Editora, 2013.